

Valda Costa: A presença na inexistência Catarinense

Leonardo de Lara Cardoso *

leodelara@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar brevemente a historiografia tradicional e mais recente que discutem a mão-de-obra escrava no estado de Santa Catarina, escolhendo por enfoque a cidade e região de Florianópolis. E a partir desse contexto tentar perceber como essa historiografia tradicional pode ter influenciado ao fenômeno de uma certa invisibilidade de negros e negras neste estado. Partindo da vida e obra da artista plástica Valda Costa (1953-1993) natural de Florianópolis, tentar compreender como essas representações de mulheres negras, realizada por uma mulher também negra penetrou em um circuito de arte de uma elite florianopolitana e ainda assim permaneceu marginalizada da história da arte.

Palavras-chave: Florianópolis, Escravidão, Mulheres negras, Valda Costa.

Abstract: This article aims to analyze some of traditional and more recent historiography discussing slave labor in the state of Santa Catarina, Florianópolis mainly in the city and region. And from that context figuring out how this traditional historiography may have influenced the phenomenon of a certain invisibility of so many men and women African descent in this state. Starting from a bit of the life and work by artist Valda Costa (1953-1993) born in Florianópolis, to try to understand how these representations of black women, held by a black woman also entered into an art circuit of an elite Florianópolis and yet has remained marginalized from art history.

Keywords: Florianópolis, Slavery, Black Women, Valda Costa.

Não é novidade aos residentes de Santa Catarina ouvirem que este é o estado mais branco do Brasil. Essa ideia chega a nós, catarinenses, através de familiares, ou em nossa formação escolar ou mesmo em sites como o exemplo do UOL, onde encontra-se indicações como esta: “Em Santa Catarina, 83,97% da população se considera branca. Proporcionalmente é o Estado com mais pessoas que se classificam como brancas no Brasil.”¹ Através dessas afirmações, acerca da etnia, muitos catarinenses se constituem enquanto

* Acadêmico do curso de graduação em História com habilitação em Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

¹ Citação encontrada em busca simples no sítio eletrônico do Google. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/curiosidades-do-censo-sobre-raca-no-brasil.jhtm>> Acesso em 8 de junho de 2015.



cidadãos e cidadãs a partir de uma invisibilidade do negro, neste caso, amplamente velada, e tema da discussão deste estudo.

Este estudo tem por objetivo, abordar brevemente este senso comum bastante particular entre membros da sociedade catarinense. Nessa discussão pretende-se analisar a construção histórica de tal pensamento descrito acima, através de autores como Fernando Henrique Cardoso² – parte da historiografia tradicional sobre este estado – e Beatriz Gallotti Mamigonian³, autora de trabalhos historiográficos atuais em contraponto às perspectivas anteriores. Partindo do diálogo entre os autores sobre esse contexto histórico que trouxe aos milhares os africanos e africanas para o Brasil, pretende-se analisar e perceber de que maneira sujeitos, como a artista plástica Valda Costa⁴, são resultados históricos destes processos.

Uma quase inexistência de escravos entres os muitos negros catarinenses

Fernando Henrique Cardoso, em seu livro *Negros em Florianópolis: Relações sociais e econômicas*, faz uma análise sócio-histórica com base em autores como Oswaldo Cabral, Lucas Alexandre Boiteux, entre outros autores catarinenses. Para Cardoso, o incentivo da Coroa portuguesa que levava a ocupação luso-brasileira ao sul do país é listada em política expansionista e sobrevivência da economia paulista. Cardoso afirma que no Brasil a

[...] colonização iniciou-se no momento em que a mineração (setor exportador da economia colonial) desenvolvia-se, consumindo grande número de escravos negros. Em consequência, o preço das “peças” era muito alto e a mão-de-obra escrava tornava-se quase antieconômica nas regiões do Brasil que não podiam concorrer no mercado colonial de exportação. Economicamente não se justificaria, portanto, a utilização do negro na exploração do Sul.⁵

2 Pesquisa realizada utilizando a obra: *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Publicado em Florianópolis pela editora Insular em 2000.

3 É professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e integra o Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Pesquisa realizada utilizando o artigo *Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850)*, da obra organizada por João Fragoso (et. al.) *Nas rotas do Império*. Publicado em Vitória pela EDUFES em 2006.

4 Principal fonte para referenciar a vida e obras de Valda Costa foram publicações da professora doutora Jacqueline Wildi Lins e principalmente sua tese de doutoramento.

5 CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 39.



Portanto, para Cardoso, havia um diferencial econômico nos motivos da não utilização da mão-de-obra escrava nas regiões do sul do Brasil. Em sua obra, percebe-se que quando haviam sinais da utilização de escravos negros, estes eram uma minoria, ou em pouca representatividade. O autor descreve a primeira mudança social em Desterro, quando a população aumenta e “grupos parciais e heterogêneos transformaram a homogênea e pequena vila de agricultores, onde o trabalho escravo, até então, não encontrara canais regulares de utilização”⁶. O que não nega a existência de negros na Ilha de Santa Catarina, porém há pouca utilização destes.

Por sua vez, Beatriz Gallotti Mamigonian, em seu artigo *Africanos em Santa Catarina: Escravidão e identidade étnica (1750-1850)*, propõe “estabelecer uma periodização mais precisa da chegada de africanos na Ilha”⁷ de Santa Catarina. Mamigonian afirma que “graças a Oswaldo Cabral, Walter Piazza e Fernando Henrique Cardoso, a escravidão africana em Santa Catarina é vista como diferente daquela de outras regiões do país, por causa de um supostamente distinto ‘sentido de colonização’.”⁸

Na primeira fase de ocupação, em sua periodização, Mamigonian descreve que

[...]entre meados do século XVII e meados do XVIII, já houve escravos indígenas e de origem africana. [...] Paulo José Miguel de Brito, que escreveu em 1816, conta que Francisco Dias Velho Monteiro, fundador de Desterro, para lá levou dois filhos, duas filhas, dois frades, um homem casado, junto com a mulher e três filhos, e quinhentos índios “domesticados. [...] Somente depois de 1700, os vicentinos voltaram a ocupar a Ilha, para lá transferindo famílias, escravos e agregados. Em 1712, quando o viajante francês Frézier esteve na Ilha de Santa Catarina, havia na Ilha e na “terra firme”, “147 pessoas brancas, alguns índios e negros libertos estabelecidos à beira-mar”. Parece-me claro que os primórdios da ocupação da Ilha em nada diferem de outras regiões fronteiriças, em que os portugueses instalaram-se dependendo do apoio de índios aldeados e de poucos escravos africanos, a sondar o potencial do território.”⁹

6 Idem, p. 51.

7 MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. *Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850)*. In: FRAGOSO, João et. al. *Nas rotas do Império*. Vitória: EDUFES, 2006, p. 616.

8 Idem, p. 615.

9 Idem, p. 617, apud Brito, Paulo José Miguel de. *Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina*. Lisboa. Typ. Da Academia Real das Ciências, 1829, p. 14.



Aqui verifica-se uma diferença de interpretações entre Cardoso e Mamigonian, quando ambos analisam praticamente o mesmo período das primeiras ocupações da Ilha de Santa Catarina e do litoral adjacente. Observa-se na visão de Cardoso um olhar constantemente comparativo entre as novas ocupações ao Sul e as províncias já estabelecidas a sudeste e nas demais regiões do Brasil, mas principalmente a colonização que dará origem ao estado de São Paulo. Em sua leitura, não justificaria economicamente a Desterro e suas proximidades, a qual não se enquadravam ao modo de produção de *plantation*, ou mineração, a aquisições de escravos. Mamigonian, contrariando a leitura de Cardoso, apresenta um contraponto com textos de viajantes do século XVIII e autores do século XIX. Estes relatam que desde Dias Velho, fundador de Desterro, havia escravos na Ilha. Entre eles principalmente indígenas que lhe pertenciam, e que mesmo após a morte de Dias Velho e da partida de sua família para Laguna. O viajante francês Frézier ainda narra ter visto negros libertos vivendo na ilha.

Na segunda fase de ocupação, de acordo com Mamigonian, há uma dificuldade em conseguir documentação para utilizar como fontes, durante o período que houve mais armações baleeiras, “que foi até o fim do monopólio e dos contratos, em 1798; sobre a compra de escravos pelos açorianos recém-estabelecidos; e sobre as relações sociais e econômicas entre as armações e os núcleos de povoamento próximos”¹⁰. Cardoso reconhece a utilização de escravos durante a pesca da baleia, e diz que “foi nessa atividade que se concentraram os maiores capitais utilizados, [...] inclusive grande número de escravos”¹¹. Depois de realizar uma abordagem econômica sobre as armações baleeiras da região, e um pouco sobre outras atividades econômicas, ainda mantém sua afirmação de que foram poucos os escravos utilizados nessas atividades, quando afirma que “em todas essas atividades, e mesmo naquelas de menor vulto, o escravo negro foi utilizado em pequena escala”¹². Cardoso usa como fonte a obra de Aires de Casal, onde afirma-se que durante o século XVIII e início do XIX que a plantação de mandioca e do linho era “quazi geralmente executada por homens brancos”¹³ e Cardoso continua dizendo que

10 MAMIGONIAN, B. G., Op. Cit., pp. 618-619.

11 CARDOSO, F. H., Op. Cit., p. 59.

12 Idem, p. 65

13 Idem, p. 67, apud Aires de Casal, *Corograia Brasileira*, Instituto Nacional do Livro, coleção de obras raras, edição fac-simile da de 1817, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947, p. 194.



[...]essa constatação fundamental não é desmentida pelo fato de ter existido, como apontamos, o aproveitamento do braço escravo no campo, porque no conjunto (sobretudo se compararmos o aproveitamento de negros noutras regiões do Brasil) o contingente de trabalhadores escravos na agricultura da Ilha, durante o século XVIII, foi reduzido.¹⁴

Todavia, mesmo reconhecendo que graças ao desenvolvimento dos setores da economia ligados a pesca, agricultura e comércio urbano, a utilização de mão-de-obra escrava cresceu durante o século XVIII, permanece com sua visão reducionista quanto ao fato de que na Ilha de Santa Catarina havia poucos negros, justificando parte de sua interpretação, porque “[...]não há dados para avaliar o número de negros na população de Desterro durante esta época”¹⁵.

As faltas de fontes também reconhecidas por Mamigonian, motivou a necessidade de prosseguir sua pesquisa trabalhando com indícios. E através de documentos administrativos de passagem da Fazenda Real em 1801, Mamigonian afirma que nas seis armações catarinenses somaram-se 525 escravos. Quinze anos depois 333 escravos, sendo 2/3 deles africanos. Durante os anos de 1816 e 1818, através da retomada de alguns contratos houve um investimento na estrutura produtiva, fazendo com que a Ilha de Santa Catarina recebesse novos escravos, comprados no Rio de Janeiro. Mesmo com a desintegração das armações com a queda dessa atividade econômica, ainda haviam outras atividades que utilizavam a mão-de-obra escrava, “como unidades produtivas comparáveis aos engenhos de açúcar, que contavam, da mesma forma, com uma mobilização de mão-de-obra livre para as funções especializadas, [...] e de grande número de escravos”.¹⁶

Encontra-se uma certa concordância entre os autores quanto ao fato da reutilização da mão-de-obra escrava na região do litoral catarinense, Cardoso percebe um certo momento da economia do estado durante o Século XVIII que trouxe enriquecimento.

Pela análise que desenvolvemos evidencia-se que houve uma multiplicação dos centros de atividades econômica na Ilha de Santa Catarina no decorrer do Século XVIII. Alguns desses centros de atividade permitiram a acumulação de riquezas. Graças a eles, especialmente, e ao conjunto da

14 Idem, p. 67.

15 Ibidem, p. 70.

16 MAMIGONIAN, B. G., Op. Cit., p. 619.



atividade econômica catarinense é que se manteve ou se ampliou o aproveitamento do trabalho escravo em vários setores do sistema ocupacional da região.¹⁷

Cardoso também salienta que durante o início do século XIX uma região que reaproveitou a mão-de-obra escrava, oriunda do litoral, foi Lages¹⁸ e sua zona de influência. Também cita que houve um aproveitamento regular nas atividades urbanas mas “[...] como nenhum autor cita, de forma especial, a participação do negro nelas, é provável que em nenhum período ela tivesse sido realmente grande.”¹⁹ Mamigonian percebe que mesmo com a queda da caça às baleias, outras atividades permaneceram, como

[...] na Praia de Palmas, havia, no fim do século XVIII, 190 engenhos de farinha de mandioca, 44 atafonas de moer trigo, quinze engenhos de aguardente e seis engenhos de cana-de-açúcar. Todos os indícios apontam para a significativa presença de escravos: do total da população de São Miguel, em 1796 (2758 pessoas), 788 ou 28,5% eram escravos. Em 1814, a população total aumentou para 4091, sendo escravos 1173, mantendo a proporção de 28,6%.²⁰

Enquanto isso, para Cardoso, porcentagens oriundas do século XIX como 29,1% de escravos, na Ilha de Santa Catarina e 35,5%²¹ no distrito de Desterro, são analisadas como “pouco”, ou “não maiores que”, percebidas assim como quantidades baixas. Lembra-se que estes números que Cardoso analisa, estão expresso em sua maioria o contingente de escravos, não necessariamente de negros. O que possivelmente aumentariam os índices, caso fossem feitas análises a partir da “qualidade de cor”²² e não condição social de escravo, ou liberto.

O que pode-se perceber é que a economia catarinense, ainda que não sendo uma economia em proporções tal qual as áreas do sudeste e nordeste do Brasil, não fugiu tão fortemente das características gerais da economia brasileira de outras regiões escravocratas como supõe Cardoso. Concordando com Mamigonian, ao perceber que, durante o início do

17 CARDOSO, F. H., Op. Cit., p. 71.

18 Idem, p. 93.

19 Ibidem, 2000. p. 118.

20 MAMIGONIAN, B. G., Op. Cit., p. 620.

21 CARDOSO, F. H., Op. Cit., p. 123.

22 Percebe-se Cardoso utilizando o termo “qualidade de cor” como categorização étnica diferentemente de uma categorização de condição social de escravo, liberto ou homem livre.



século XIX, “[...]o litoral catarinense viveu então uma fase de distinta prosperidade com base nas exportações de alimentos, sustentada, em grande parte pela compra de africanos novos para as pequenas e médias propriedades agrícolas.”²³ E mesmo não havendo fontes que comprovem o tráfico direto da África para a Ilha de Santa Catarina, há comprovação suficiente dos deslocamentos de escravos do Rio de Janeiro para o litoral catarinense durante este período, de acordo com a autora.

Compreende-se então que nestes séculos de ocupação do litoral catarinense há como resultado desse processo histórico, centenas de homens e mulheres negras trazidos do continente africano para alguns locais do Brasil e depois muitos revendidos para as mais diversas regiões, como Santa Catarina.

É, também importante considerar que a invisibilidade imposta a negros [...], e às negras, em particular, é construída historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização no campo das relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões.²⁴

Pretende-se aqui apenas construir um pequeno panorama entre uma obra da década de 1960, pesquisada e escrita a partir de uma abordagem estadual tradicional²⁵ do início do século XX que sustentou a formação acadêmica e escolar de muitos estudantes de história, servindo assim para a constituição enquanto cidadãos e cidadãs. Fazendo contraste a uma leitura recente, que resulta de grande empenho através de pesquisadoras e pesquisadores gerando uma historiografia atualizada, que provavelmente ainda não permeou completamente o meio escolar. Este panorama servirá agora para analisar uma personagem da Ilha de Santa Catarina, artista plástica de origem pobre, uma mulher negra. Em meio a um contexto histórico que foi fortemente influenciado por este “sentido da colonização” catarinense citando Mamigonian. “Onde tais autores [Cabral, Piazza e Cardoso] mostram a escravidão da ilha e no litoral adjacente sempre como menos importante do que aquela das regiões agroexportadoras”.²⁶

23 MAMIGONIAN, B. G., Op. Cit., p. 622.

24 RIBEIRO, Matilde. Existirmos, A que será que se destina?! In: Leituras de resistência: corpo, violência e poder. Vol.I. TORNQUIST, C. S., [et al.]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, p. 389.

25 Aqui utiliza-se o termo “abordagem estadual tradicional” como forma de classificação da historiografia catarinense desenvolvido por Cristina Scheibe Wolff em seu texto Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate. Florianópolis: *Revista Catarinense de História*, n 3, 1994, p. 5-15.

26 MAMIGONIAN, B. G., Op. Cit., p. 615.



Através de Mamigonian podemos ver um pouco de como esse imaginário referente a ocupação do litoral catarinense, onde ainda para muitos prevalece a imagem de pobreza e pouco desenvolvimento econômico, até a chegada dos “novos colonos europeus” e uma quase invisibilidade de negras e negros.

Onde está Valda Costa?²⁷

Parte-se agora para uma Florianópolis do século XX, numa tentativa de olhar brevemente sobre como todo esse processo histórico de ocupação gerou esta provável invisibilidade dos negros em Santa Catarina. Há no estado o surgimento de comunidades carentes onde parte é composta por cidadãos e cidadãs negras em diversas regiões da Ilha, como o Morro do Mocotó. Nessa comunidade é onde localiza-se a história de Valda Costa²⁸.

Trata-se de uma artista considerada autodidata, afrodescendente, de origem pobre, de pouco estudo, moradora do Morro do Mocotó, um bairro de baixa renda, frequentadora dos ambientes culturais locais da época, que, entre os anos 1970 e 1980, alcançou a condição de pintora com grande aceitação no mercado local de artes plásticas. Faleceu prematuramente em 1993, aos 42 anos de idade, pobre e esquecida.²⁹

27 O título do Segundo capítulo da tese de doutoramento de Jacqueline Wildi Lins remete-se muito a problemática desta breve pesquisa “Metáforas da memória: As artes plásticas dos anos 1970 e 1980 em Florianópolis. Onde está Valda Costa?”.

28 Não pretende-se aqui fazer nenhuma pesquisa biográfica profunda sobre Valda Costa, apenas elencar algumas informações para o leitor conhecer minimamente esta artista, entretanto para melhor conhecer a vida e obra de Valda Costa indica-se a leitura da Tese de doutoramento de Lins, além do documentário listado nas referências.

29 LINS, J. W. Para uma história das sensibilidades e das percepções: Vida e obra em Valda Costa. Tese (doutorado), UFSC, 2008, p. 18.



Figura 01 – Valda Costa, fotografia, capa de fôlder.



Fonte: Acervo MASC.

Figura 02 – Valda Costa, sem título, 1985. Óleo s/eucatex, 30 x 24 cm.



Fonte: Coleção particular

Figura 03 – Valda Costa, sem título, 1976. Óleo s/eucatex, 40 x 42 cm.



Fonte: Coleção particular.

Matilde Ribeiro no título de seu artigo "Existirmos, a que será que se destina?!"³⁰ exclama sobre o que há por vir para a comunidade negra. Ela percebe tal espaço enquanto comunidade que possui diferenças sociais atreladas a questão da cor, resultado de um processo histórico de quase 400 anos de escravidão. Ribeiro ainda vai além quando percebe "outra marca muito forte [que] é a negação da existência do racismo, pautado pela visão da democracia racial, que, mesmo como farsa, definiu e define a inferioridade da população negra."³¹

Pode-se muitas vezes pensar, por conta da historiografia tradicional que ecoa em pesquisas e livros escolares ainda hoje com o uso os autores já citados como Cabral, Piazza e Cardoso, entre outros, que o estado de Santa Catarina tem menos negros. Fato que tem respaldo em recentes indicadores como o IBGE de 2007 que reconheceu,

[...]como majoritariamente 'branca', 86,6%, contra um total de 13% que se declararam 'pretos' ou 'pardos'. Esses índices, que destoam sensivelmente da média brasileira (49,4% de brancos, 7,4% de pretos, 42,3% de pardos), favoreceu a criação de um conceito de Santa Catarina como um 'estado europeu'.³²

A escravidão no Brasil, e outras partes do mundo, deixaram suas marcas exorbitantes para além da sociedade ocidental. Especialmente quando a abolição ocorre sem nenhum

30 RIBEIRO, M, Op. Cit., p. 389.

31 Idem, p. 389.

32 DAUWE, Fabiano. Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina. In: *Historiografia 35 anos*. FLORES, M. B. R., BRACHER, A. L. (Orgs.). Florianópolis. Letras Contemporâneas, 2011, p. 44.



planejamento por parte do estado monárquico nem republicano de absorção desse contingente social. Estas marcas provocadas na sociedade pertencem a um longo período que vem sendo alterado vagarosamente.

Todavia, a historiografia mais recente, em suas pesquisas nas últimas décadas ainda não permearam o imaginário de nossa sociedade. O elemento que contribuiu para a construção do senso comum em Santa Catarina, de ser um estado com o menor população afrodescendente, que coadjuvou para a ideia da invisibilidade negra, prevalece até recentemente. E é nesse ambiente que encontra-se Valda Costa e suas obras, que de acordo com Lins somam mais de 800 produções. A autora ainda apresenta uma reflexão sobre a artista no início do segundo capítulo de sua tese, quando menciona um determinado esquecimento, “[...]uma certa lacuna na historiografia da arte em Santa Catarina: a de Valda Costa e a da sua vasta produção realizada e amplamente difundida no meio artístico e cultural local”³³.

Então pode-se perceber que o esquecimento ou a quase inexistência de Valda Costa pode estar ligada, de alguma maneira, ao processo histórico resultado da historiografia sobre Santa Catarina, que contribuiu para um certo isolamento ou supondo uma quase inexistência de negras e negros neste estado. Poderiam aqui comparar os processos de branqueamentos de escritores³⁴ não brancos de outras regiões do Brasil. Todavia não seja o foco desta pesquisa, mas verifica-se que este processo em Santa Catarina com Valda Costa tem características particulares deste estado, por conta de sua historiografia anteriormente mencionada, que destoa de outros locais. Por conta disto, acredita-se não ter ocorrido processo semelhante em outras regiões, mas é uma excelente possibilidade de pesquisa.

33 LINS, J. W., Op. Cit., pp. 36-37.

34 Como Machado, Cruz e Souza, Luís Gama citados como exemplos.



Figura 04 – Valda Costa, sem título, 1985. Óleo s/eucatex, 48 x 34 cm.



Fonte: Coleção particular.

Figura 05 – Valda Costa, sem título, 1984. Óleo s/eucatex, 41 x 32 cm.



Fonte: Coleção Hercílio Varela.

Figura 06 – Valda Costa, sem título, 1986. Óleo s/eucatex, 37 x 43 cm.



Fonte: Coleção Moacir José Serpa.

A partir de uma breve análise na seleção das obras que Lins utiliza em sua tese, porém para este estudo é selecionado apenas algumas das obras³⁵ em que há mulheres, aparentemente negras. O objetivo é tentar explorar um pouco desses ‘eus’³⁶ de Valda através de tais obras. Tentar compreender como essas representações de mulheres negras, realizada por uma mulher também negra penetrou em um circuito de arte de uma elite florianopolitana e ainda assim permaneceu marginalizada da história da arte. Lins menciona que Valda “foi a primeira a pintar o cotidiano de negros e negras no estado de Santa Catarina”³⁷. Percebemos através da pesquisa de Lins que Valda permaneceu durante anos pertencendo a dois mundos, um do Morro do Mocotó e outro dessa elite intelectual e artística. Valda viveu no que Lins chama de “entre-lugar, literal e metaforicamente: viveu no morro, mas também em bairros de classe média, frequentava a alta e a baixa sociedade”³⁸.

35 São 8 telas listadas em anexo que não abordaremos individualmente, mas sim enquanto conjunto de obras da artista, Valda Costa. Todas as 9 imagens em anexo foram retiradas da tese de doutoramento de Jacqueline Wildi Lins, Para uma história das sensibilidades e das percepções: Vida e obra em Valda Costa. 2008.

36 Utiliza-se aqui a mesma leitura das mulheres nas obras de Valda como ‘eus’ de acordo com Lins utiliza em sua tese.

37 Ibidem, p. 50.

38 Idem, p. 54.



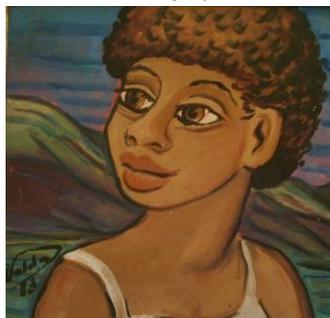
Valda Costa: A presença na inexistência Catarinense – Leonardo de Lara Cardoso

Figura 07 – Valda Costa, sem título, 1980. Acrílica s/eucatex, 33 x 38 cm.



Fonte: Acervo MASC.

Figura 08 – Valda Costa, sem título, 1983. Óleo s/eucatex, 22 x 22 cm.



Fonte: Coleção João do Amarante.

Figura 09 – Valda Costa, sem título, 1976. Óleo s/eucatex, 39 x 28 cm.



Fonte: Coleção particular.

Percebemos através das leituras de Ginzburg e Didi-huberman, utilizadas por Lins³⁹ em sua tese, onde é possível dizer que “o mundo de Valda Costa, sua obra, foi inesgotável porque foi lugar possível para a artista preencher as lacunas, as faltas, os vazios, foi o lugar onde a artista pode efetuar-se^{40>41} Além disso estes autores contribuíram para a análise das obras de Valda através da subjetividade presente no processo artístico como explica Lins

[...]quando penso em autores como Walter Benjamin, Carlo Ginzburg e Georges Didi-Huberman, penso em autores que fazem parte de uma mesma matriz de repertório capaz de abrir possibilidades de diálogo entre subjetividades, estilos e fins diversos. Esses autores podem ser antagônicos em alguns pontos de suas reflexões, mas não são díspares.⁴²

Segundo Lins, as obras de Valda como os limites desses ‘eus’, mencionado anteriormente, enquanto interior e exterior. Podemos perceber ao olharmos suas obras⁴³ acima, esses elementos de sua vida, enquanto interior e exterior onde vemos diversos elementos que representam a cidade de Florianópolis, ligadas à praia e à arquitetura. Na figura nove acima,

39 Lins também utiliza de Benjamin, entre outros autores que interpretam Warburg, movimento que vem tomando força na área de História e Arte após a década de 1980.

40 “Efetuar-se ou ser efetuado significa: prolongar-se sobre uma série de pontos ordinários; ser selecionado segundo uma regra de convergência; encarnar-se em um corpo; reformar-se localmente para novas efetuações e novos prolongamentos limitados. Nenhuma dessas características pertence às singularidades como tais, mas somente ao mundo individuado e aos indivíduos mundanos que os envolvem; eis porque a efetuação é sempre ao mesmo tempo coletiva e individual, interior e exterior, etc.” (LINS, 2008, apud Deleuze, [S. d.]

41 Ibidem, p. 19.

42 Idem, p. 26.

43 Em caso de interesse sobre as demais obras de Valda Costa, pesquisar já citada tese de Jacqueline Wildi Lins.



vemos representações da família, através de crianças provavelmente a partir de seus seis filhos. As obras de Valda deixam de pertencer apenas a ela no término de sua criação, como argumenta Lins: “[...]partindo desse tempo e desse espaço mais amplos e acreditando que a partir do instante em que o artista dá como encerrada a fatura de sua criação, a obra de arte se desprende de seu autor e passa a ser potência de outras inspirações [do público] e de outros autores”⁴⁴. É necessário perceber com as fontes que Lins apresenta, que a notoriedade de Valda comprova-se através da mídia (entre 1974 e 2000) e comunidade local. Em recortes de jornais, Lins encontrou Valda Costa referenciada como “nossa Di Cavalcanti, nossa Djanira, nossa Camille Claudel entre outras atribuições”⁴⁵ O que também está representado no fato de suas obras estarem expostas em locais públicos e oficiais além de acervos privados locais, nacional e internacionais. Entretanto o interesse em fazer essa análise a partir das obras de Valda é deparar-se “com o desafio de apreender o inapreensível na vida que brotou do banal”⁴⁶

Ao olhar-se para as obras selecionadas de Valda Costa, somados com parte da historiografia apresentada – que contribuiu a difundir por décadas em nossa sociedade catarinense – destaca-se uma certa invisibilidade do sujeito negro, e ainda mais da mulher negra enquanto residente, pertencente à Santa Catarina. Compreende-se a maneira que a artista encontrou para mostrar ao mundo sua existência, e que os negros e negras existem em Florianópolis e em Santa Catarina. Nota-se um reforço nesse processo de invisibilidade quando a história da arte omite toda uma carreira, o trabalho de uma vida e reconhecimento artístico a Valda Costa em sua escrita historiográfica, tal como apresentado anteriormente neste estudo. Ainda que poderia não ter sido o objetivo consciente de Valda Costa, julga-se que uma vez a obra terminada ela não pertence mais apenas ao autor. “O ato de interpretação também é um ato poético de co-criação”⁴⁷.

Em Santa Catarina, temos uma historiografia tradicional que construiu a ideia da falta de estrutura econômica para o uso da mão-de-obra escrava, gerando uma imagem de certa “inexistência de escravos” durante o período colonial, e por consequência, talvez se convertendo em um dos elementos para a construção do "orgulho" de ser o estado com menor índice de negros do Brasil. O sentimento de exclusão social e a sensação de inexistência,

44 Ibidem, p. 27.

45 Idem, p. 33.

46 Idem, p. 31.

47 Idem, p. 26.



como observado no início deste estudo, foi construída através de um processo da escrita da história catarinense. Uma vez que era escrita inicialmente pela e para a elite tradicional e conservadora, a qual de uma maneira ou de outra contribuíram para a existência desse contexto histórico. Por estes e diversos outros motivos a função social de historiadoras e historiadores é tão importante para a sociedade. Sendo direta ou indiretamente responsáveis, por desdobramentos incalculáveis quanto as interpretações que suas pesquisas podem tomar nos mais diversos contextos histórico-político-sociais.

Referências

ADELMAN, Miriam., RUGGI, Lennita. Corpo, identidade e a política da beleza – algumas reflexões teóricas. In: *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. SILVA, C. B., ASSIS, G. O., KAMITA, R. C. (Orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mercado no corpo: as mulheres, a experiência colonial e os novos espaços na contemporaneidade. In: *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Vol.I. TORNQUIST, C. S., [et al.]. Florianópolis: Mulheres, 2009.

ASEFF, Marlon. *Caminhos de Valda*. [Filme-vídeo]. Produção de Liane Chipollino Aseff, direção de Marlon Aseff. Florianópolis, 2012. 23min. 53s. Documentário. som. Documentário Caminhos de Valda – Disponível em: <<https://vimeo.com/64659765>> Acesso em: 07 de abril de 2015.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000.

CASTRO, Eloah Rocha Monteiro. Edifício das Diretorias: a arquitetura da modernidade. In: *A casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. FLORES, M. B. R., LEHMKUHL, L., COLLAÇO, V. (Orgs.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

DAUWE, Fabiano. Os estudos sobre escravidão em Santa Catarina. In: *Historiografia 35 anos*. FLORES, M. B. R., BRACHER, A. L. (Orgs.). Florianópolis. Letras Contemporâneas, 2011.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Estética e Modernidade: à guisa de introdução. In: *A casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. FLORES, M. B. R., LEHMKUHL, L., COLLAÇO, V. (Orgs.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.



LEHMKUHL, Luciene. Os modernistas da Ilha: obras e exposições do grupo de artistas plásticos de Florianópolis. In: *A casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. FLORES, M. B. R., LEHMKUHL, L., COLLAÇO, V. (Orgs.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

LINS, J. W. Espaços Inventado: artistas mulheres e a construção de identidades através da obra In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2010. Florianópolis, SC. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278101578_ARQUIVO_Espacosinventadosartistasmulhereseaconstrucaodeidentidadesatraves.pdf/> Acesso em: 05 de abril de 2015.

_____. O Retrato como biografia em Valda Costa: o diálogo entre vida e obra, In: *Encontro Nacional da ANPAP*, 18, 2009, Salvador, BA, Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP / Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Organização: Maria Virginia Gordilho Martins (Viga Gordilho), Maria Herminia Olivera Hernández. – Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 1956-1968. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/jacqueline_wildi_lins.pdf/> Acesso em: 05 de abril de 2015.

_____. *Para uma história das sensibilidades e das percepções: Vida e obra em Valda Costa*. Tese (doutorado), UFSC, 2008.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica. (1750-1850) In: FRAGOSO, João et. al. *Nas rotas do Império*. Vitória: EDUFES, 2006, pp. 609-643.

RIBEIRO, Matilde. Existirmos, A que será que se destina?! In: *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Vol.I. TORNQUIST, C. S., [et al.]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Ser moderno em Florianópolis. In: *A casa do Baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. FLORES, M. B. R., LEHMKUHL, L., COLLAÇO, V. (Orgs.). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

SITE UOL, Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/curiosidades-do-censo-sobre-raca-no-brasil.jhtm>> Acesso em 8 de junho de 2015.

WOLFF, Cristina S. *Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate*. Florianópolis: Revista Catarinense de História, n 3, 1994, pp. 5-15.

Recebido em 15 de junho de 2015

Aprovado para publicação em 15 de maio de 2016

